

05

**A LITERATURA DE FANTASIA E O LEITOR:
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS A RESPEITO DO
DESAFIO DE VIVER IMAGINATIVAMENTE¹**

Cristiano Camilo Lopes

Cristiano Camilo Lopes

Doutor em Letras, em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo, em 2012.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0182650950129257>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0341-6813>.

E-mail: cristianoclopes@hotmail.com.

Resumo: Neste artigo, faz-se uma revisão teórica sobre a manifestação da fantasia na literatura à luz das ideias de Lewis (2009, 2018), Tolkien (2014), Zilberman e Lajolo (2017), entre outros. A investigação objetiva, sobretudo, avaliar: os sentidos e usos do termo fantasia na literatura; o modo como a fantasia se expressa no texto, estabelecendo intercâmbios com o público leitor, que se instauram na dinâmica das relações entre conceitos, tais como mundos primário e secundário, fantasia, numinoso e mito; e desdobramentos para o fenômeno contemporâneo

1 Título em língua estrangeira: “Fantasy literature and the reader: theoretical considerations regarding the challenge of living imaginatively”.

do gênero *fantasy fiction*. Por fim, reflete-se sobre a importância da experiência leitora com a fantasia para a formação de mediadores de leitura literária.

Palavras-chave: Fantasia. Contos de fadas. *Fantasy fiction*. Imaginário. Mito.

Abstract: In this article, a theoretical review is made about the manifestation of fantasy in literature in the light of the ideas of Lewis (2009, 2018), Tolkien (2020), Zilberman and Lajolo (2017), among others. The investigation aims, above all, to evaluate: the meanings and uses of the term fantasy in literature; the way fantasy is expressed in the text, establishing exchanges with the reading public, which are established in the dynamics of the relations between concepts, such as primary and secondary worlds, fantasy, numinous and myth; and developments for the contemporary phenomenon of the fantasy fiction genre. Finally, it reflects on the importance of the reading experience with fantasy for the formation of literary reading mediators.

Keywords: Fantasy. Fairy tales. *Fantasy fiction*. Imaginary. Myth.

INTRODUÇÃO

“Se tivéssemos uma fantástica como temos uma lógica, estaria descoberta a arte de inventar”.
(NOVALIS apud RODARI, 2021, p. 11)

Embora a leitura seja a prática que viabiliza o contato com o texto literário, observa-se que, nos estudos de literatura, pouco se fala sobre os mecanismos que operam na relação texto-leitor, dando-se maior ênfase à análise de aspectos teóricos. Todavia, entende-se que o estudo da literatura em ação — na prática da leitura — se apresenta como um terreno fértil que tanto pode

fomentar ainda mais a reflexão sobre a natureza artística do texto literário, como beneficiar mediadores de leitura literária no que diz respeito ao conhecimento do leitor, a fim de que práticas leitoras sejam propostas e novas formas de leitura surjam:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem. (GLOSSÁRIO DO CEALE)

Com base nessa definição, busca-se, neste artigo, avaliar de que maneiras a fantasia do texto ficcional interage com o leitor, instigando o gosto pela leitura. A partir dessa pergunta, é importante considerar que a ação do leitor no contato com a ficção de fantasia e o laço decorrente (ou não) dessa interação indicam caminhos férteis para a educação literária e apontam para o constante desafio da formação do leitor. Assim sendo, antes de elencar aspectos críticos a respeito da fantasia, é imprescindível considerar seu processo de interação com o leitor.

C. S. Lewis (daqui em diante, Lewis), ao discorrer sobre a fantasia, afirma que a experiência de leitura precede a crítica literária. Na perspectiva do autor, embora a crítica enfatizasse a importância do realismo em detrimento da fantasia — e esta era valorizada enquanto “prosa que possa mediar a vida imaginária para as massas” (LEWIS, 2018, p. 53) —, era necessário entender que “esta é uma das funções da arte: apresentar o que as perspectivas estreitas e

desesperadamente práticas da vida real excluem” (LEWIS, 2018, p. 42). Assim, Lewis (2018) reforça que as considerações teóricas sobre a fantasia necessariamente devem pautar-se nas experiências advindas do ato de ler. Nesse processo, são considerados aspectos como o gosto do leitor, o próprio ato de imaginar, a oferta da fantasia literária como escapismo, entre outros.

Sabe-se que Lewis e J. R. R. Tolkien (daqui em diante, Tolkien), em seus contextos de produção sobre literatura, pavimentaram o caminho para as discussões a respeito da fantasia moderna. Entretanto, ressalta-se o fato de que ambos os autores “sabe[m] falar às necessidades de cada geração subsequente” (BELL, 2006, p. 12). Assim, embora esses autores tenham feito suas produções no século XX, suas ideias a respeito da fantasia são pertinentes às discussões contemporâneas do tema em questão. Acrescenta-se, ainda, que o trabalho teórico com a fantasia a partir das ideias de Lewis e Tolkien proporciona uma retomada do tema em perspectiva histórica — da época clássica, medieval e moderna —, uma vez que, em suas ponderações teóricas, eles se voltaram aos períodos clássico e medieval como referência para suas criações literárias, ainda que tais referências pudessem ser denominadas antiquadas quando suas ideias foram produzidas.

De acordo com Lewis, a ideia de que a fantasia é destinada à criança era uma concepção moderna, por esse motivo não se deve negligenciar a busca por referências antigas: “a maior parte das grandes fantasias e contos de fadas não era absolutamente dirigida às crianças, mas a qualquer um” (LEWIS, 2009, p. 63). Nesse sentido, o prazer por fantasia não está restrito a uma faixa de idade e é possível mantê-lo por toda a vida, afinal

[...] quem não manteria, se pudesse, aquela curiosidade incansável em relação a tudo, aquela intensidade de imaginação, aquela faculdade de suspender a incredulidade, aquele apetite insaciável, aquela prontidão para maravilhar, para se apiedar e para admirar? (LEWIS, 2009, p. 64, grifo meu)

A fantasia, portanto, é para todas as idades e não somente para crianças ou jovens. Pode acontecer de uma criança não gostar de uma determinada história e um adulto sim (e vice-versa). O que está em questão é o poder que a fantasia tem de despertar, trabalhar, evocar o que Lewis denominou “anseio primordial”, tanto em uma criança como em um adulto. O autor entende que o gosto por um mundo encantado é, na verdade, um anseio por um mundo espiritual, “um desejo por nosso próprio país distante” (SCHAKEL, 2005, p. 28, tradução nossa). Portanto, não é escape da realidade, pelo contrário, o leitor acessa o mundo ficcional e pode ver coisas conhecidas com novos mecanismos de operação. Com isso, um dos méritos da fantasia é iluminar as coisas da vida real no universo ficcional.

Ao discorrer teoricamente a respeito dos contos de fadas, Tolkien (2014) apresenta quatro qualidades desse gênero, a saber: fantasia, escape, recuperação e consolo. Vê-se, então, que a fantasia permeia as histórias de fada, e, como desde o início do século XX tem-se visto uma grande circulação de releituras e recriações do gênero, conseqüentemente a fantasia (elemento presente nessa literatura) vem demandando reflexões teóricas: “as fadas estão de volta [...] Curiosamente, as pessoas têm se interessado cada vez mais pela literatura com temas mágicos” (COELHO, 2008). A circulação de obras, o crescimento do número

dos receptores e as imbricações das artes são indícios a serem considerados pela crítica.

Assim, como percurso investigativo deste estudo em que se põe sob consideração a fantasia como experiência leitora, propõe-se discutir o conceito de fantasia no universo literário, avaliando o tema à luz de aspectos do contexto psicológico que são propostos por Lewis. Assim sendo, o eixo teórico das discussões se apoia nas reflexões sobre a fantasia que Lewis e Tolkien produziram em seu contexto de atuação, pois são autores que, “em décadas anteriores às da efervescência da *fantasy fiction*, continham muitos dos elementos aqui indicados” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 118).

A FANTASIA LITERÁRIA

No universo literário, “[...] uma fantasia significa qualquer narrativa que trate de impossibilidades e aspectos sobrenaturais” (LEWIS, 2009, p. 47). São histórias permeadas de reino das fadas, mundos encantados, espaços que produzem um senso de maravilhamento, mistérios e descobertas de coisas que estão além de uma exploração natural. Trata-se de narrativas ficcionais em que o herói, vivendo em um reino mágico, encontra criaturas míticas tanto para auxílio como para enfrentamento: duendes, dragões, gigantes, encantadores, sátiros, ninfas, náiades, feiticeiros. Lajolo e Zilberman (2017, p. 118), ao se referirem à efervescência do fenômeno *fantasy fiction* na contemporaneidade, apontam que as “produções [são] povoadas por seres sobrenaturais, deuses e heróis imortais, detentores de poderes mágicos, capazes de fundar universos e de transitar com relativa facilidade entre o mundo dos vivos e dos mortos” (LAJOLO E ZILBERMAN, 2017, p.118).

Como informado anteriormente, Tolkien emprega o termo fantasia como uma qualidade inerente aos contos de fadas, o que indica, segundo o autor, que o termo fantasia não deve ser usado para nomear uma espécie de literatura. O que ocorre nos contos de fadas é uma integração entre fantasia e o ato de fantasiar (*fantasy* e *fantasizing*), em que a invenção artística da mente do autor serve-se livremente de imagens, probabilidades, estranhamentos, maravilhas e espantos no processo criativo.

O ato de criar um mundo imaginário é, para Tolkien, uma subcriação em que o mundo ficcional revela aderência ao mundo do ser humano. Lewis se serve da ideia de Tolkien e afirma que

“[...] o apelo do conto de fadas reside no fato de que neles o homem exerce mais plenamente sua função de ‘subcriador’; não, como as pessoas gostam de dizer agora, fazendo um ‘comentário sobre a vida’, mas fazendo, na medida do possível, um mundo subordinado ao seu”. (LEWIS, 2018, p. 77)

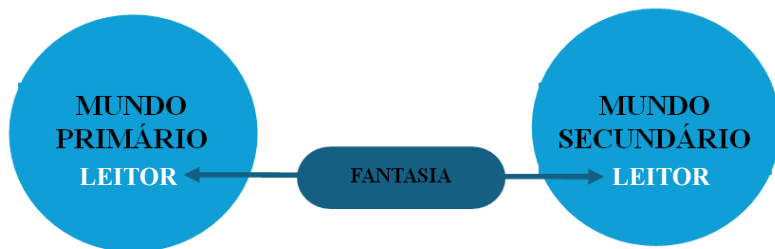
Na experiência com um “mundo subordinado”, o leitor pode vivenciar efeitos da fantasia que estão atrelados ao mito e ao sagrado. Gianni Rodari ressalta a importância da livre agência da criatividade como um elemento fundante da fantasia e ainda acrescenta que é imprescindível que obras de fantasia e imaginação tenham longo alcance na circulação entre o público leitor: “para mudá-la [a sociedade] são necessários seres criativos, que saibam usar a imaginação [...] desenvolvamos a criatividade de todos, para mudar o mundo” (RODARI, 2021, p. 10). Candido (2002, p. 81) chama a atenção para o caráter etiológico da fantasia e seu papel na experiência humana:

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade, fenômeno natural, paisagens, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre a fantasia e a realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. Sabemos que um grande número de mitos, lendas e contos são etiológicos, isto é, são um modo figurado ou fictício de explicar o aparecimento e a razão de ser do mundo físico e da sociedade. Por isso há uma relação curiosa entre a imaginação explicativa, que é a do cientista, e a imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor. (CANDIDO, 2002, p.81)

A elucubração sobre a vida por meio das histórias ficcionais é uma experiência de autorreflexão e enriquecimento da memória do leitor, pois, quando se usa a linguagem com toda a sua versatilidade, é possível que uma pessoa vivencie o real pelo ficcional.

É importante considerar que, no processo de subcriação, Lewis e Tolkien não se valem do termo mundo real como referência ao mundo do leitor. Tolkien (2014) propõe os termos mundo primário e mundo secundário para o mundo real e o mundo retratado na fantasia, respectivamente. Então, cabem aqui algumas reflexões a respeito da interação entre mundo primário, espaço do leitor, e mundo secundário (com seus elementos característicos – magia, feitiço, crenças...).

Figura 1: Leitor entre mundos



Fonte: Elaborado pelo autor.

A fantasia proporciona ao leitor a experiência de interagir com dois mundos. Na essência do mundo secundário, observa-se o feitiço do encantamento. Em outras palavras, uma vez que o leitor conhece essa operação mágica, ele pode observar e conhecer o mundo secundário/imaginário entendendo a realidade ficcional da mesma maneira que entende as operações na realidade do mundo primário. Para Lewis, esse entendimento do leitor funciona também como uma crença no mundo secundário que evoca no leitor uma espécie de desejo primordial ou uma crença primeira. Quando, em uma história de fantasia, por exemplo, um feitiço é quebrado por conta de alguma falha da magia ou por um evento do mundo primário no mundo secundário, o leitor é trazido de volta ao mundo primário correndo o risco de não depositar mais uma crença irrestrita no mundo secundário. No trânsito entre mundos, o leitor experimenta a expansão do seu repertório, pois a operação da fantasia “vai um passo além, permitindo que os leitores saiam do Mundo Primário, examinem as profundezas dos Outros Mundos, vejam através dos olhos e sintam os *dearts* de seres vivos totalmente diferentes daqueles em nosso mundo” (SCHAKEL, 2005, p. 33, tradução nossa).

De acordo com Zilberman (2012, p. 141), magia e fantasia estão intrinsecamente relacionadas uma vez que a magia é a forma assumida pela fantasia para resolver problemas:

A presença da magia como um elemento capaz de modificar os acontecimentos é o que distingue o conto de fadas. Esse elemento, porém, raramente é manipulado pelo herói, mas por seu auxiliar ou por seu antagonista, pois a personagem principal, aquela que dá nome à narrativa (Branca de Neve, Bela Adormecida, Cinderela, João e Maria), é pessoa desprovida de qualquer poder. (ZILBERMAN, 2012, p. 141)

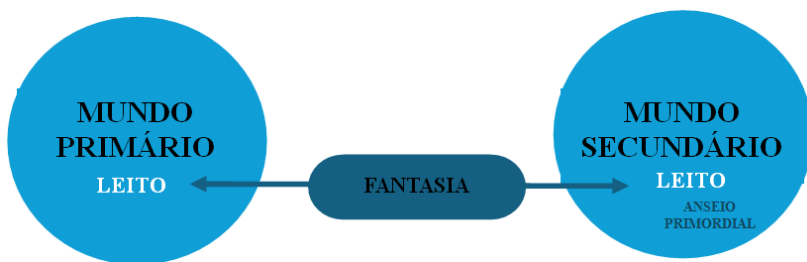
A autora ainda destaca que, por meio da trama da fantasia, o leitor pode identificar-se com a personagem nos desafios e obstáculos enfrentados no enredo. Nessa identificação, operada por meio da imaginação e da fantasia, são apresentadas ao receptor da história caminhos ficcionais para o enfrentamento de possíveis problemas.

Por isso, seria reducionista colocar a experiência com a fantasia como um escape do mundo primário, sua operação no leitor não o torna alienado a este mundo, pelo contrário, as idas e vindas no mundo secundário permitem ao leitor a experiência de novos gostos (bons ou ruins), novas percepções (por meio do olhar das personagens da ficção), ressignificações no mundo primário (por meio da lógica da fantasia desenvolvida no enredo) e

isso, para os leitores que amam a fantasia, descreve seu poder e apelo: nos levar a novos mundos, sim, mas também nos trazer de volta deles transformados por essa jornada para um mundo que também parece transformado pelo que experimentamos fora dele. (SCHAKEL, 2005, p. 33, tradução nossa)

Em decorrência do intercâmbio entre mundos, Lewis como Tolkien entendem que a fantasia tem o poder de despertar no leitor um anseio por algo numinoso, espiritual ou mítico. Esse anseio operado pela fantasia no interior do leitor revela que, “para construir ‘outros mundos’ plausíveis e ativos, você deve se basear no único ‘outro mundo’ real que conhecemos: o do espírito” (LEWIS, 2018, p. 45) Destaca-se também que esse anseio pelo sagrado pode ser não conhecido ou reconhecido por parte do leitor. Com isso, percebe-se que a leitura da fantasia pode permitir uma experiência pré-linguística em que as sensações e emoções no espírito humano ocorrem antes das nomeações no intelecto. Trata-se de experiências como espanto, surpresa, maravilhamento, susto etc. Esses são exemplos de experiências com o sagrado e o mito na literatura.

Figura 2: O leitor de fantasia entre mundos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para Lewis e Tolkien, o mito não se volta apenas a questões da vida cotidiana, mas também a assuntos atemporais que permeiam a existência humana: origem, finalidade, propósito, significado e aspirações. E sempre que fantasia e imaginação estão em operação na narrativa, o mito aparece como um substrato nesse processo respondendo a questões atemporais que o ser humano pode carregar.

Para Schakel (2005, p. 34), a operação imaginação-mito-fantasia pode ser não racional e não intelectual, entretanto nunca irracional e anti-intelectual, pois o mito, na narrativa, atrai o leitor para o que Rudolph Otto denominou como numinoso²:

[...] para tal eu cunho o termo o numinoso (já que do latim *omen* se pode formar ominoso, de *numen*, então, numinoso), referindo-me a uma categoria numinosa de interpretação e valoração bem como a um estado psíquico numinoso que sempre ocorre quando aquela é aplicada, ou seja, onde julga-se tratar-se de objeto numinoso. (OTTO, 2007, p. 38, grifo do autor)

Segundo Otto (2007, p. 39), a experiência com o numinoso é particular e subjetiva: “[...] não é ensinável em sentido estrito, mas apenas estimulável, despertável — como tudo aquilo que provém ‘do espírito’”, perscrutando as emoções e sondando o interior do homem. São questões existenciais discutidas desde sempre pela filosofia, e, “no mundo de Lewis, o mito e a alegoria misturam-se com a lógica precisa dos debates filosóficos” (BELL, 2006, p. 12). Pôr sob consideração essas questões no universo ficcional é discernir o engajamento do leitor com o texto literário na expressão da reciprocidade entre suas experiências reais e a narrativa, o que lhe confere autoconhecimento, pois “a história na qual acreditamos estar determina o que pensamos sobre nós mesmos e, conseqüentemente, o modo como vivemos” (MC GRATH, 2014, p. 81). Essa experiência é fundamental na formação do leitor literário, uma vez que ela articula temas e serve ao mito como base: “[...] não seria o mito ainda mais verdadeiro por

2 O termo é derivado do latim *numen* e significa “divindade, deus, deusa, objecto d’um culto, força, poder” (SARAIVA, 2000, p. 791).

permitir que a história real adquirisse um significado mais rico e profundo [...]?” (OTTO, 2007, p. 45).

Por meio da leitura da fantasia, novas sensações e experiências estão à disposição do leitor. Para Lewis, os elementos mitológicos permitem ao leitor não apenas conhecer a lógica da fantasia, mas desfrutar desses mecanismos de operação fantásticos: “no gozo de um grande mito, chegamos mais perto de experimentar como concreto o que de outra forma só pode ser entendido como uma abstração” (LEWIS apud SCHAKEL, 2005, p. 35, tradução nossa)³.

Uma vez elencados aqui os mecanismos de operação da fantasia no universo literário, segue-se, então, para o uso do termo na psicologia tendo em vista que o leitor pode assumir esses usos em sua prática leitora. Portanto, essa distinção é necessária uma vez que a proposta deste artigo tem como objetivo último fomentar ideias para a formação do leitor literário de fantasia.

2. AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA COM A FANTASIA LITERÁRIA

No contexto psicológico, segundo Lewis, há três usos da fantasia, como já observado.

O primeiro modo é algo semelhante ao delírio, em que uma pessoa pode realizar uma construção imaginativa e passar a acreditar em tal feito. Nesse caso, Lewis esclarece que “os fatos mais comuns são distorcidos, em geral com muita astúcia, para reiterar a crença introjetada” (LEWIS, 2009, p. 47). Esse tipo de fantasia não é considerado pelo autor na discussão da fantasia literária, por isso ele não usa nomenclatura alguma para seu uso.

3 “in the enjoyment of a great myth we come nearest to experiencing as a concrete what can otherwise be understood only as an abstraction”.

O segundo modo da fantasia psicológica é denominado por Lewis de Construção Mórbida de Castelos de Areia. É a experiência consciente de sonhar acordado, como, por exemplo, a divagação em busca de uma felicidade imaginária que o ser humano pode fazer quando está com a mente livre. Nesse caso, há o empreendimento de forças por parte do que sonha em direção aos sonhos imaginados e seus desejos: “aquele que sonha com a riqueza ilimitada não economizará alguns poucos centavos” (LEWIS, 2009, p. 48). É uma construção egoísta, segundo Lewis, pois toda a trama da fantasia é sempre vista pela perspectiva do leitor, sem desprendimento de si para o entendimento da cosmovisão da personagem da narrativa.

A terceira operação da fantasia é denominada por Lewis de Construção Normal de Castelos de Areia. Nesse caso, o leitor reconstrói a fantasia de forma desinteressada acompanhando o mundo ficcional por meio dos olhos das personagens. A diferença aqui é que o leitor não fica divagando com base somente nos seus desejos. Há um desprendimento mínimo de si para a experimentação da alteridade (no caso a vivência das personagens na ficção).

É uma experiência consciente de acesso ao imaginário em conjugação com o mundo primário. Nesse processo, a imaginação fica em operação uma vez que navega pelo mundo secundário e interage com o universo ficcional no tempo e espaço da narrativa. Entretanto, durante a leitura, o leitor entende que está, ao mesmo tempo, imerso na história e fora dela: “quando esse estágio é alcançado, algo mais do que o mero devaneio entrou em ação: construção, invenção, em suma, ficção, é isso que está ocorrendo” (LEWIS, 2009, p. 49).

Com base nesses apontamentos de Lewis, ressaltam-se duas questões a serem consideradas no que concerne às maneiras de ler fantasia literária. A primeira diz respeito à importância da cooperação do leitor usando sua capacidade de imaginação a respeito da vida e experiências das personagens, ao mesmo tempo que reconhece estar fora delas. O receptor do texto configura-se como um espectador olhando o mundo pela perspectiva de fora, entretanto também sabe que está presente na ficção à medida que navega pelo enredo. Como já elucidado, esse é em exemplo de uma leitura desinteressada (não egoísta) da fantasia. A segunda refere-se à projeção de si mesmo na vida da personagem da ficção. Conforme a leitura se desenvolve, o leitor pode projetar a si mesmo na personagem com seus deleites, terrores, vitórias, derrotas, perdas, ganhos, enfrentamentos, desafios etc. O devaneio advindo dessa projeção proporciona o compartilhamento de experiências e reciprocidade entre leitor e fantasia. É uma experiência de projeção do leitor sobre o texto.

Lewis ressalta que há um mínimo de projeção necessária, cujo uso é saudável. Trata-se de uma projeção que produz empatia pela personagem. Nesse caso, os leitores “exigem a observância rigorosa das leis naturais tal como as conhecem e uma normalidade geral no que concerne a roupas, acessórios, alimentação, habitação, ocupações e o tom da vida cotidiana” (LEWIS, 2009, p. 51). A projeção de si mesmo na história permite ao leitor a troca de lucros e perdas com as personagens da ficção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das discussões teóricas feitas, elencam-se, então, algumas considerações para uma análise da recepção da literatura

de fantasia na contemporaneidade e também de caminhos futuros de investigação.

Em primeiro lugar, estudos teóricos que levem em consideração a experiência do leitor têm se mostrado um campo fértil para as discussões. Lewis escreveu sobre a importância de considerar-se o gosto do leitor e as múltiplas reações na recepção do texto como recursos para o mediador de leitura literária.

No que concerne à fantasia, ressalta-se o fato de que esse é um fenômeno cada vez mais presente nas obras literárias contemporâneas. Os contos de fadas na contemporaneidade e o fenômeno *fantasy fiction* indicam uma renovação constante do conto de fada. Zilberman (2012) entende que cada vez mais se percebe a presença de personagens crianças e adolescentes com vistas à identificação do leitor com o protagonista: “quando dirigidos ao público jovem, livros de fantasia são, na maioria das vezes, protagonizados por crianças, adolescentes ou jovens adultos” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 118). Assim, a fantasia no protagonista das histórias é um elemento atrativo ao leitor.

Um outro aspecto a ser destacado, como notam Lajolo e Zilberman (2017, p. 118), é a inter-relação entre mundo primário e mundo secundário, e os elementos que causam a ruptura para o universo fantástico (portais e objetos). Nota-se que, na ficção de fantasia contemporânea, a ciência não representa um empecilho para a operação da fantasia, pelo contrário, esses elementos “compartilham o espaço ficcional” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 118).

Não se pode ignorar o segmento de circulação de obras na cultura jovem e o intercâmbio entre literatura e outras artes.

Nesse contexto, pode ocorrer a formação de novos leitores pelo impulso de espectadores (é o caso de um leitor que chega a um determinado livro porque teve um primeiro acesso à obra fílmica). Com isso, cabe a constante avaliação do fenômeno dos vários sistemas artísticos que se impulsionam mutuamente. Nesse sentido, são necessárias pesquisas envolvendo a recepção, circulação de obras e o decorrente impulso na geração de novos leitores.

Por fim, estamos diante de um tema importante a ser pesquisado que, como afirma Candido (2002), é uma necessidade inerente ao homem:

Necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares [...] a literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal [...]

REFERÊNCIAS

- BELL, James Stuart; DAWSON, Anthony P. *A biblioteca de C. S. Lewis*. Seleção de autores que influenciaram sua jornada espiritual. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: mitos, símbolos e arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FACULDADE de Educação da UFMG. *Glossário do Ceale*. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/home?busca=leitura+liter%C3%A1ria>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPress, 2017.

- LEWIS, Clives Staples. *Um experimento na crítica literária*. São Paulo: Unesp, 2009.
- LEWIS, Clives Staples. *Sobre histórias*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- MCGRATH, Alister. *Conversando com C. S. Lewis*. São Paulo: Planeta, 2014.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia: uma introdução à arte de contos de histórias*. São Paulo: Summus, 2021.
- SARAIVA, F. R. Santos. *Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico*. 11.ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, p. 791, 2000.
- SCHAKEL, Peter J. *The way into Nárnia*. Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2005.
- TOLKIEN, J.R.R. On Fairy-Stories. In: ANDERSON, D.A.; FLIEGER, V. (Eds.). *Tolkien On Fairy-stories: Expanded edition with commentary and notes*. London: HarperCollins, 2014.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Intersaberes, 2012.